



APONTAMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL: A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

OSSANES, Cléa Lúcia da Silva¹

¹*Aluna do curso de Especialização em Educação Infantil – FaE/UFPeI
clossanes@gmail.com*

OLIVEIRA, Neiva Afonso²

²*Professora Adjunto da Faculdade de Educação da UFPEL
neivaafonsooliveira@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A educação, principalmente a educação infantil, por se tratar da formação inicial da criança, tornou-se foco de questionamentos, provocações e buscas, de filósofos educadores passando a ser aquilo sobre o que se deseja *querer saber mais*.

O presente trabalho pretende apresentar a pedagogia de Rousseau a partir de sua proposta nos livros I e II da obra *Emílio ou Da Educação* (1762). É nesses dois capítulos que Rousseau teoriza sobre a educação infantil. Nosso objetivo é mostrar que sua proposta é altamente inovadora, na medida em que questiona a educação de sua época considerada por ele uma educação conservadora. Pretendemos demonstrar que essa inovação dá-se em grande parte pela sua ousadia de questionar uma educação cartesiana (a do seu tempo) em benefício de uma educação dos sentidos.

Ao iniciarmos a leitura do escrito pedagógico do pensador genebrino, percebe-se que o texto vai exercendo um verdadeiro fascínio, e muitas interrogações surgem, pois Emílio é um aluno imaginário que ele acompanha desde o nascimento até completar 25 anos, dividindo a obra em cinco partes. Divisão essa que sugere a intenção de reconstruir a história da evolução do indivíduo do mesmo modo que trata a história da espécie humana na obra *“Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”*.

Enquanto as ciências preocupam-se com o aspecto histórico, exatamente pelo fato de o homem não ser tratado como um ente abstrato, mas, sim como um ser concreto real, o qual deve estar inserido no tempo. Rousseau tem a mesma preocupação dos filósofos do seu tempo: a globalidade de ensino. Neste sentido, o genebrino preocupou-se com as especificidades de cada faixa etária, com o desenvolvimento da alma individual, do interior mais íntimo de cada ser humano. Esse desdobramento do pensar rousseauiano nos leva a

acreditar que toda esta análise da subjetividade seja um dos pilares ou fundamento de sua filosofia. Esta característica é evidenciada pelo fato de que Rousseau escreve na primeira pessoa, fato que o diferencia dos filósofos da sua época. É uma época esta que é fundamentalmente racionalista. Apesar de *estar no seu tempo*, o autor consegue abrir caminho enfatizando aspecto esquecido dentro das tradições filosófica e pedagógica, que é a sensibilidade do homem. Sendo assim, Rousseau revela uma forma própria de pensar que utiliza tanto a emoção quanto o intelecto. A emoção e razão no *Emílio* destacam-se em algumas passagens onde o autor se expressa na primeira pessoa, criando uma situação através da sua imaginação e saindo do real, mas, ao mesmo tempo, transformando o real, recriando situações e ambientes, o que torna a obra de caráter pessoal sem, entretanto, negar o coletivo. Ele inicia um constante diálogo consigo mesmo e a frase “*Rousseau, Juiz de Jean-Jacques*” é a mais clara manifestação de seus sentimentos.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa que se encontra em sua fase inicial utiliza a metodologia da pesquisa bibliográfica, baseada na obra *Emílio*, do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau, nascido na República de Genebra, no século XVIII. Também, conta-se com importante auxílio de obras de autores comentadores. Procedeu-se, inicialmente, ao levantamento de proposições do autor com relação à educação infantil nos Livros I e II da obra pedagógica. Paralelamente à pesquisa bibliográfica, lançaremos mão do método observacional que pode, oportunamente, nos oferecer pistas para o prosseguimento da investigação. A observação (das crianças em seus ambientes de aprendizagem) pode fornecer um instrumental importante para a pesquisa teórica. Foram utilizadas leituras, discussões e debate com o grupo de colegas e professores em sala de aula sobre a importância atribuída por Rousseau aos sentidos, na obra *Emílio*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na época de Rousseau, a infância era desconsiderada, mas o filósofo dedica dois capítulos de sua obra à etapa que vai do nascimento aos doze anos de idade. Com isso, o genebrino revela uma atitude modernizadora e audaciosa para além de seu tempo. Logo no início do livro - no prefácio - o autor revela que não vai se deter na importância da educação; nem mesmo fará crítica à qualidade da educação daquela época, embora ele o faça indiretamente.

O assunto de suas reflexões é a arte de formar homens e é neste âmbito que dedica uma especial atenção à infância. Pensa que, com falsas idéias sobre a infância tornamo-la impraticável, ou seja, afirma que, para se fazer uma boa educação, devemos em primeiro lugar, conhecer nossos alunos. Rousseau (1995, p. 6) aconselha que conheçamos melhor nossas crianças “pois muito certamente não os conheceis e se lerdes este livro tendo em vista esse estudo, acredito não ser ele sem utilidade para vós”.

Rousseau ainda demonstra que além da personalidade da infância, é preciso prestar atenção e respeitar as particularidades de cada criança, pois afirma que cada criança é única. Se de um aspecto, todas nascem com igualdade de possibilidades, expressando a natureza humana em sua

generalidade, cada criança possui características e traços de caráter que lhe são essenciais.

O genebrino afirma que além da desigualdade de caráter social e político, também se deve considerar que existe a desigualdade natural e biológica. Em sua obra "*Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*", já afirmara:

Eu concebo na espécie humana duas espécies de desigualdades: uma que chamo natural ou física, porque foi estabelecida pela Natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças corporais e das qualidades do espírito ou da alma; outra, a que se pode chamar de desigualdade moral ou política, pois que depende de uma espécie de convenção e foi estabelecida, ou ao menos autorizada, pelo consentimento dos homens. Consiste esta nos diferentes privilégios desfrutados por alguns em prejuízo dos demais, como o de serem mais ricos, mais respeitados, mais poderosos que estes, ou mesmo mais obedecidos. (ROUSSEAU, 2002, p.143)

É importante salientar que Rousseau não é passivo ao observar a realidade; ao contrário, ele a denuncia e, ao mesmo tempo, exagera na grandeza política e educacional, propondo um projeto alternativo essencializado em valores morais.

O autor não se preocupa com possíveis críticas a sua idéia. Diante da educação de seu tempo, demonstra independência e segurança sem se preocupar com as consequências e represálias que poderia sofrer com seu pensamento filosófico. "*Não é sobre as idéias dos outros que escrevo; é sobre as minhas*". (ROUSSEAU, 1995, p. 6)

Sua pedagogia norteadora dos ideais iluministas apresenta uma preocupação com os primeiros anos de vida do homem. No livro I, valoriza a infância do nascimento aos dois anos de idade demonstrando que a educação do homem começa ao nascer, que antes mesmo de falar e de entender muitas coisas, deverá tê-las apreendido. É evidente a preocupação de Rousseau com a realidade histórica do cuidado com a criança, com a importância do papel da mãe e do pai na educação da primeira infância pois acreditava que o ser humano em seu estado natural, não contaminado pelos vícios da sociedade, – *o bom selvagem*, – fosse reconduzido à felicidade enquanto criança.

No livro II, o autor considera que este é o segundo período da vida. Para Rousseau, esta fase começa aos dois anos, indo até os doze, onde termina a infância. É o período de plena felicidade, pois considera que esta fase é a da natureza, da alegria e do brincar, com predominância da lei da necessidade e com ênfase na educação dos sentidos. A educação nesse período possui um único objetivo: determinar o desenvolvimento intelectual. Por isso, deve ser puramente negativa no sentido de liberar o intelecto para as interações com a natureza.

Como tudo que entra no conhecimento humano entra pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão perceptiva; ela é que serve de base à razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. (ROUSSEAU, 1995, p.121)

A importância da educação do corpo através dos exercícios físicos, caminhadas, e natação para que a criança aprenda a conhecer as suas limitações é também relevante, pois, para o autor, na medida em que a criança desperta para a atividade e se faz ativa a todos os exercícios físicos, se apropria de um discernimento proporcional às suas forças. Ela precisa aprender a fazer uso dessa proporcionalidade pois, só assim, a faculdade especulativa suscetível dessa força excessiva, a criança saberá empregar em outras atividades, "que seja homem pelo vigor e em breve ele o será pela

razão.” Nada de lições formais: Rousseau previne que a nossa maneira de educar e de ensinar as crianças é um tanto pretensiosa. Caso só ficássemos como observadores da atuação das crianças, elas aprenderiam melhor, pois a natureza possui tantos meios para fortalecer o corpo e fazê-lo crescer que não deveríamos interferir nesse processo.

Estas afirmações de Rousseau, apresentadas através dos tempos, são defendidas, hoje, por várias correntes da modernidade e do pensamento psicopedagógico. A educação física pode ser observada, por exemplo, como seguidora deste pensamento uma vez que vem enfatizando a importância da atividade lúdica, isto é, através do movimento espontâneo, livre, no qual as crianças exteriorizam suas potencialidades e obtêm o equilíbrio psicológico necessário.

4. CONCLUSÕES

Observando o pensamento do autor, podemos dizer que a educação pode e deve ser construída permanentemente de forma que haja uma interação entre o adulto e a criança. Num sentido abrangente, a educação é inevitável a partir do momento em que haja familiaridade entre os seres humanos.

Sendo assim, a importância deste estudo reflexivo sobre a educação infantil torna os dois primeiros livros da obra *Emílio ou Da Educação* de Rousseau de profunda e fundamental relevância, contido nele inúmeras reflexões e discussões de educadores e especialistas.

A obra de Rousseau propõe reformar a sociedade através da educação. A primeira escola é a família e, nesse caso, os pais têm muita responsabilidade. Porém, nada de repressão de imposição e ditadura. Se cada indivíduo for educado e incentivado desde a primeira infância para aquilo que tiver vocação, ou que os seus sentimentos interiores tiverem de acordo, certamente teremos uma educação à altura de todos, ou seja, uma educação com mais igualdade e menos desigualdade, mais vontade e participação.

Rousseau propõe quatro máximas que determinam o relacionamento adulto-criança, as quais destacamos: proporcionar liberdade “bem regrada”, atender às necessidades, ignorar os desejos, porque são frutos de opiniões, entender a linguagem e os sinais da criança para descobrir os sentimentos que estão por trás.

Ao elaborar algumas considerações finais para este trabalho, entendemos que: Rousseau propõe uma revolução – transformação na forma de pensar a formação da criança. Ou seja, no trato com a educação da infância. Faz-se necessário pensar seriamente sobre o significado da infância que começa com o nascimento da criança. Segundo Rousseau, devem ser a partir daí iniciados o processo de formação dos hábitos e a educação dos sentidos. A educação deverá começar a partir do momento em que a criança vem ao mundo. O homem deve ser formado antes de se inserir na sociedade como cidadão. Mas, se queremos pensar na formação do homem, com vistas a sua cidadania, precisamos considerar que ele deva ser educado para ser o homem natural para o qual apontam as determinações da natureza. Concluimos, portanto, o quanto importante é a educação na primeira infância. É a partir dela que o homem pode se inserir na sociedade e talvez não vir a corromper-se.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação** (1757). Trad. Sérgio Milliet. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 583p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Œuvres Complètes**. 5 vol. Paris: Gallimard, v.I 1959; v.II 1964; v.III 1964; v.IV 1969; v.V 1995. (Bibliothèque de la Pléiade)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie**. Editora Paraula. Porto Alegre, 1994.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social e outros escritos**. São Paulo: Ed. Pensamento-Cultrix Ltda, 2002.